



Selo marca definitivamente a Capital Brasileira do Agronegócio



Segundo o dicionário Michaelis, selo significa: cunho definitivo, marca, sinal. Para a diplomacia serve para **reconhecimento** (*prova*), para **fecho** ou ainda como **atestado de autenticidade**.

Reconhecimento e autenticidade. Estes são os pontos que definem, para Ribeirão Preto, o significado do lançamento do Selo da Capital Brasileira do Agronegócio, que a partir deste número estará estampado neste informativo e em todas as correspondências da ABAG/RP, eletrônicas ou postais.

Assim como a Associação, a Prefeitura Municipal já adotou o selo para marcar definitivamente o título que a cidade recebeu em 2002, mas



que já era seu por direito, desde os tempos do café. Outras empresas ligadas direta ou indiretamente ao agronegócio devem seguir a tendência, uma vez que o título é reflexo do trabalho de toda região, onde a manifestação do conceito amplo de agronegócio encontra a maior legitimidade.

Considerada a 6ª cidade com o melhor índice de desenvolvimento humano do Estado e a 21ª do Brasil, Ribeirão Preto possui uma das maiores rendas per capita do país. Sua área de influência prolonga-se por mais de 30 mil km² e atinge 3 milhões de pessoas em 85 municípios. Os números da cidade falam por si: são 8 emissoras de TV;

15 emissoras de rádio; 8 jornais, sendo 4 diários; 43 hotéis; 33 cinemas; 7 teatros; 50 cursos universitários; 16 hospitais; 3 shopping centers; 19.000 prestadores de serviços, 12.000 estabelecimentos comerciais, entre outros. Ribeirão Preto é assim uma cidade do interior com infra-estrutura de capital.

O MELHOR NEGÓCIO DO PAÍS ESTÁ EM DEBATE. PARTICIPE.

24 e 25 de junho de 2004
Hotel Transamérica
São Paulo



VER PAR

O Brasil superou todas as expectativas em termos de produtividade agrícola nos últimos 10 anos. Saltou de uma produção de grãos de 76 milhões de toneladas na safra 1993/94, para mais de 120 milhões de toneladas na safra 2003/04. Um crescimento superior a 126%, com média de 9% ao ano. Enquanto isso a área plantada passou de 39 milhões de hectares para 47 milhões, crescimento de 24,3%, média de 1,7% a.a. Os números impressionam especialistas e otimistas. Nenhum outro país conseguiu tal façanha. Para os técnicos dos principais organismos internacionais que elaboram estudos sobre a agricultura mundial, os números brasileiros acabavam sempre superando as previsões, e por isto foram convidados pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento para fazer sua reunião de 2004 no Brasil.

Convite feito, convite aceito. Pela primeira vez em treze anos a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico, OCDE, que reúne os 29 países mais industrializados do mundo, promoveu sua Conferência Mundial sobre Agropecuária fora do hemisfério norte.

Durante dois dias 20 especialistas, de diversos países do mundo, pertencentes a organizações como FAO, OCDE e USDA, além de universidades, reuniram-se em São Paulo com técnicos da Embrapa, do IPEA, do MAPA e de outros organismos, para que os números da realidade brasileira fossem apresentados, analisados e incorporados na elaboração do "Outlook" anual sobre a agricultura mundial.

Com base em modelos econométricos os números brasileiros apareciam invariavelmente subestimados, principalmente a partir do ano 2000. Para entender este extraor-



Grupo da OCDE posa para marcar a visita feita à Tatu Marchesan, em Matão

dinário crescimento, além de reuniões técnicas os especialistas foram convidados para conhecer "in loco" o agronegócio brasileiro.

Na visita à região de Ribeirão Preto, a "Capital Brasileira do Agronegócio", a programação foi elaborada pela ABAG/RP e envolveu uma instituição privada de pesquisa, indústrias, cooperativas e até museu. Na manhã do dia 26/05, em Araraquara, os técnicos estrangeiros conheceram o trabalho da principal instituição de pesquisa na área de citrus no Brasil, o FUNDECITRUS. Mas o interesse manifestado extrapolou a área científica. Os visitantes quiseram saber sobre a variação do preço da caixa de laranja, a integração produtor/indústria, porte médio dos produtores, grau de sustentabilidade, entre outras coisas.

Ainda no segmento "antes da porteira", os visitantes foram levados a Matão, para conhecer a TATU MARCHESAN. Mostrar a competência brasileira no desenvolvimento tecnológico de implementos

para cultivo da terra e plantio foi o principal objetivo. A Marchesan é a maior indústria de implementos da América Latina. Emprega 1800 pessoas diretamente e cerca de 600 indiretamente. Possui uma área coberta de 200 mil metros quadrados e tem capital 100% nacional.

Na seqüência o grupo visitou ainda um dos setores mais competitivos do agronegócio brasileiro, o sucroalcooleiro. Já no início da noite a visita à USINA SÃO MARTINHO, que moe mais de 6 milhões de toneladas de cana por ano, produzindo 8 milhões e meio de sacas de açúcar de 50 quilos e quase 267 milhões de litros de etanol, impressionou aos técnicos, cujas perguntas foram da logística e cálculo do preço da cana, até o grau de "interferência ou intervenção" do governo no setor, entenda-se nível de subsídio. Os técnicos, principalmente os europeus, nos quais a sensibilidade econômica é latente devido ao açúcar, insistiam na existência de subsídio para o açúcar brasileiro. Depois da apresentação dos números do setor, ficou



A sanidade e a qualidade do leite brasileiro foi comprovada na visita à Cooperativa Central Leite Nilza



No laboratório da Fundecitrus perguntas que extrapolaram a pesquisa

RA CREER



Técnicos da OCDE brincam com soja na Carol, em Orlândia

claro para eles que o que faz o açúcar brasileiro ter o melhor preço do mercado internacional é a capacidade produtiva e gerencial dos produtores e das agroindústrias, além de uma tecnologia brasileira altamente desenvolvida e incorporada. A produção de energia elétrica a partir da biomassa e o uso em larga escala do álcool combustível chamaram a atenção dos visitantes.

No segundo dia de visita o destaque ficou para a pecuária de leite, a produção de grãos e a força do cooperativismo brasileiro. Na COOPERATIVA CENTRAL LEITE NILZA, em Ribeirão Preto, que reúne 7 cooperativas singulares e outras 10 em parceria, os técnicos puderam conhecer a seriedade do trabalho de sanidade que vem sendo desenvolvido no Brasil. Para o economista do MAPA, Marcelo Guimarães, a tecnologia utilizada pela Central Leite Nilza não difere da dos países desenvolvidos.

Os técnicos conheceram a maior empresa de sementes do Brasil com capital 100% nacional, a AGROMEN, em Orlândia, e na mesma cidade, a CAROL, Cooperativa dos Agricultores da Região de Orlândia. Na Agromen além de conhecer o grupo e sua filosofia de trabalho, os visitantes puderam conhecer mais um produto “made in Brazil”, o Cavalo Brasileiro de Hipismo, que já é exportado para diversos países, um hobby que virou negócio. Além dos cavalos, o museu de máquinas agrícolas da empresa foi aberto especialmente para os técnicos. Eles não esperavam um trabalho tão minucioso de preservação: São 320 peças, entres tratores e implementos. Um pouco da história da agricultura do mundo está preservada em Orlândia.

Na CAROL, o grupo foi recepcionado por Geraldo Diniz Junqueira, seu vice-presidente e um dos fundadores. Junqueira contou a história da ocupação da região, onde

originalmente apenas 30% das terras eram férteis. Nos outros 70%, de cerrado, foi a soja que levou fertilidade, já que a terra teve que ser corrigida para a implantação da nova cultura. Uma história muito recente para os padrões europeus. Uma história que começou há 41 anos, quando a cooperativa foi criada, com 59 pessoas e um capital de 10 mil dólares. Hoje são 4.000 cooperados e o faturamento supera os 330 milhões de dólares.

Quanto ao crescimento da safra brasileira de grãos, o maior interesse foi sobre o crescimento da produção no Brasil: se pela adoção de novas tecnologias ou pelo aumento da área. Outro ponto foi a logística e seus reflexos no preço da soja.

Para Donald Trostle, técnico a serviço da USDA, Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, a visita foi muito importante para ver o progresso do agronegócio brasileiro, o grau de organização e as formas de comercialização aqui empregadas.

Segundo ele os “outlooks” da agricultura mundial para os próximos anos certamente serão diferentes em relação aos anteriores, no que diz respeito ao Brasil. Os modelos econométricos partirão de premissas mais próximas da realidade. As informações de alguns componentes do modelo estarão mais “calibrados”, segundo ele.

O relatório da OCDE deve ser divulgado em outubro deste ano e o da USDA em meados de fevereiro de 2005. Os relatórios mostrarão os cenários agrícolas de médio e longo prazos.

Para a diretora executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi, uma visita como esta, que trouxe para o país técnicos de organizações que elaboram relatórios para os formadores de opinião ao redor do globo, pode significar um diferencial importante para que os países desenvolvidos entendam o firme posicionamento assumido pelo Brasil nas negociações internacionais. Além disso, as informações poderão resultar em investimentos estrangeiros, tanto na produção quanto na logística. Capital não especulativo, potencial gerador de empregos e promotor do desenvolvimento, indispensável e desejável.

Mas a visita não se resumiu à região de Ribeirão Preto. Para que os técnicos pudessem ter melhor noção das dimensões do Brasil eles foram ainda a Rondonópolis, MT, onde visitaram produtores de soja e de algodão. Deixaram o país com um número “latejando” na cabeça. A área plantada no Brasil é de 59 milhões de hectares, mas estão disponíveis para a agricultura outros 90 milhões de hectares, isto sem tocar na região amazônica e em outras áreas de preservação. É assim, só vendo mesmo para crer.



O Museu de Tratores e Implementos Agrícolas da Agromen: patrimônio cultural

São Simão: histórias para contar

Divulgação: Prefeitura Municipal

A cidade de São Simão, distante 50 quilômetros de Ribeirão Preto, tem hoje cerca de 13.600 habitantes, número que não chega à metade dos habitantes que tinha em 1824: 30 mil moradores. Era a segunda maior cidade do Estado. Próspera com a cultura do café, era a maior produtora do mundo com 43 milhões de pés.



Vista da Igreja Matriz

Sua origem hoje vem sendo reescrita pelos historiadores locais. Segundo a lenda, o sertanista Simão da Silva Teixeira, se perdeu na região e fez uma promessa ao seu santo protetor, São Simão, de construir uma capela caso conseguisse achar o caminho de volta. Da capela teria surgido a cidade no início do século XIX, mas documentos encontrados recentemente, datados do século XVII, apontam a passagem de Anhanguera pela cidade, bem antes de Simão.

É mais história para se somar a outras dezenas. Peças no museu municipal afirmam a existência de primitivos habitantes há cerca de 2.000 anos. Artefatos comprovadamente das eras da Pedra Lascada, Polida e Cerâmica.

Em sua história mais recente, São Simão se orgulha de ter dado origem a diversas cidades da região, inclusive Ribeirão Preto que pertencia à sua comarca. Graças ao café, a ferrovia chegou primeiro à cidade levando imigrantes, progresso e cultura. Nesta época a cidade tinha seu próprio Banco, sua própria usina hi-

drelétrica, sua empresa de telefonia, um teatro para ópera com 500 lugares e 4 ferrovias distintas para escoar a safra de café. São Simão também se orgulha por ter sido berço da Proclamação da República. Em 31 de janeiro de 1888, a Câmara Municipal propôs a extinção da Monarquia e a anulação da formação do terceiro império. Os tempos áureos começaram a acabar na primeira das três grandes epidemias de febre amarela na cidade, em 1896. Isto fez com que as pequenas vilas, entre elas Ribeirão Preto, recebessem mais moradores que fugiam com medo da doença. Foi em São Simão, em 1902, que o cien-

distas Emílio Ribas descobriu que a febre amarela não era contagiosa e sim transmitida por um mosquito. Seus estudos serviram de base para o combate da epidemia que o médico Oswaldo Cruz fez no Rio de Janeiro, em 1904. Os tempos áureos do café ficaram para trás, mas a cidade mantém o charme do século XIX com suas construções antigas, ruas com paralelepípedos e as antigas fazendas que aos poucos estão se transformando em hotéis. O turismo começa a florescer. Do mirante, onde está o cruzeiro, é possível avistar as cidades vizinhas. A prainha, com suas areias brancas, já é ponto de encontro. A casa onde viveu o artista Marcelo Grasmam faz parte do roteiro. Conhecido internacionalmente por suas litogravuras o artista é reverenciado por todos.

A economia de São Simão gira em torno da agricultura, hoje com o predomínio da cana-de-açúcar e do reflorestamento. Nas indústrias o forte está na fabricação de móveis, de embalagens de isopor e na lavagem de jeans para grandes fabricantes. A extração das riquezas naturais, como areia, argila e água mineral, é outra fonte de renda e emprego na cidade. Com um orçamento de quase R\$ 14 milhões, a prefeitura tem tentado atrair investimentos para São Simão, mas sabe que é a história e o turismo que representam o grande diferencial desta cidade de 180 anos.

